

## “QUEM NÃO TEM CANETA VAI PARA ONDE?”

Luana Braga Batista  
Doutoranda PPGAS/MN- Bolsista Cnpq.

*Minha vida é andar por esse país  
Pra ver se um dia descanso feliz*  
Luiz Gonzaga – Vida de Viajante

### Resumo

Este artigo propõe fazer uma reflexão sobre o conceito de migração dentro do universo camponês, no qual pesquisei e possuo diálogo com a dissertação de mestrado, cujo meu principal interlocutor (Durreis) relata ter feito várias viagens e participado de momentos importantes da história do Brasil. O objetivo deste trabalho é debruçar sobre a questão da migração e/ou deslocamentos para compreender se migra, por que migra? Quando se torna um migrante? E como essa discussão foi travada, pensando o êxodo rural e um possível fim do campesinato brasileiro que não aconteceu. Durreis, assim como outros interlocutores, todas as vezes que saiu da Bahia para outros estados, como Goiás, Brasília e São Paulo, diz não ser migrante. Precisou sair várias vezes da Bahia, primeiro para casar, depois para conseguir a terra e, mais adiante, para conseguir recursos para a produção da terra, considerando-se a si próprio como um peão de trecho, mas nunca como um migrante. Por esse motivo e outros é que busco descrever esses processos para elucidar como eles são construídos para além do senso comum que a ciências sociais construiu em torno da migração. Pensando o conceito de modo diferente do qual ele é apresentado dentro da sociologia e da economia, a partir da crítica a migração feita por Palmeira e Almeida (1977). problematizando o que o conceito traz junto, para assim poder pensar chegadas, partidas, direções, deslocamentos e corpos no trecho.

**Palavras-chave:** Antropologia do campesinato brasileiro; movimentos e mobilidades; migração.

Este artigo é fruto das discussões realizadas na disciplina de Antropologia dos Campesinatos no Brasil que ocorreu no Museu Nacional- UFRJ, no segundo semestre de 2019, ministrada pelos professores John Cunha Comerford e Dibe Ayoub, com colaborações de Luzimar Pereira (UFJF) e Carmen Andriolli (CPDA UFRRJ).

Ao longo do semestre muito se discutiu acerca das diversas formas que a literatura se constituiu e foi construída em torno daquilo que ficou conhecido como “eixo do campesinato”, desde clássicos até textos mais contemporâneos, enfocados em etnografias que trabalham com o universo camponês no Brasil.

Temas como trabalho, terra, casa, família, bichos, recursos naturais (água mais precisamente), campesinato negro e indígenas foram abordados, assim como temas e conceitos que ramificam dessas relações, entre eles, herança, conflito, gênero e migração.

Com os debates do curso e sob a luz dos textos da sessão 10 (dez), proponho fazer uma reflexão sobre o conceito de migração dentro do universo camponês, no qual pesquiso e possuo diálogo com a dissertação de mestrado, cujo meu principal interlocutor (Durreis) relata ter feito várias viagens e participado de momentos importantes da história do Brasil.

Precisou sair várias vezes da Bahia, primeiro para casar, depois para conseguir a terra e, mais adiante, para conseguir recursos para a produção da terra, considerando-se a si próprio como um peão de trecho, mas nunca como um migrante. Em uma de nossas entrevistas o questiono se ele se via como um migrante nessas andanças e me responde que não, diz que sempre foi baiano e nunca um migrante.

Pensando o conceito de modo diferente do qual ele é apresentado dentro da sociologia e da economia, a partir da crítica a migração feita por Palmeira e Almeida (1977), problematizando o que o conceito traz junto, para assim poder pensar chegadas, partidas, direções, deslocamentos e corpos no trecho. Produzindo assim, análises diferentes do modo realizado por Woortmann (2009). O autor não pensa o camponês em oposição à migração. O que se ganha utilizando a tipologia quando os próprios nativos não se reconhecem como migrantes? O uso da migração como reprodução do campesinato empobrece a obra do autor.

Para Klaas Woortmann:

Camponeses são, além de produtores de alimentos, produtores de migrantes. Por isso, áreas camponesas já foram chamadas de “celeiros de mão-de-obra. A migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar, de fato, pode ser condição para a permanência camponesa. (2009)

É preciso pensar essas relações de movimentos para além de fenômenos dados como migração. Deve-se compreender o que está além, atravessando ao mesmo tempo que construindo essas mobilidades.

Se migra, por que migra? Quando se torna um migrante? E como essa discussão foi travada, pensando o êxodo rural e um possível fim do campesinato brasileiro que não aconteceu. É preciso ter cuidado com determinadas tipologias que estão em voga para que elas não empobrecem etnograficamente as questões nativas, produzindo reducionismos científicos como no caso de Woortmann (2009).

Palmeira e Almeida (1997), no trabalho “A invenção da migração” que faz parte de um projeto coletivo sobre trabalho e emprego no nordeste, nos apontam uma tentativa de situar a produção disponível sobre a temática da migração, trazendo luz acerca desta

problematização, ao relativizar a tipologia de migração, questionando o que se qualifica como migrantes e as tipologias que existem em torno desse conceito que muito apareceu na literatura das ciências sociais sem atributos positivos intelectualmente.

O termo sempre esteve presente no vocabulário, visto sua presença no dicionário desde 1881, mas este só começa ser trabalhado no campo das ciências sociais no século seguinte.

A questão primeira, a ser respondida, como se antes de poder-ser estabelecer (ou restabelecer) a ordem gramatical, (o sujeito tendo a primeira cena), a migração tivesse que render suas homenagens a suas antecessoras imigração e emigração (que não existem por elas sós, mas apenas em função da existência de estados nacionais), é de onde para onde se dá a migração, que particulariza os pontos entre os quais ocorre o movimento, ao mesmo tempo lhe atribui uma direção. Falar de migração vai, pois significar em primeira instância falar de a migração “da agricultura para outras atividades” (Hathaway, 1960), “do emprego agrícola para o não agrícola” (idem), “de um local de residência para um outro local de residência” (Wakeley, 1961), “de áreas não metropolitanas para áreas não metropolitanas” (Weller, 1971), ou, mais correntemente, empregando as formulas que se tornaram moeda corrente e que dispensam, por óbvias as preposições, falar de: “migração rural-urbana”; “migração rural-rural”, etc. (PALMEIRA, M. A., Alfredo Wagner Berno de. P. 15, 1977)

Cabe questionar “o que faz um migrante?” O migrante não existe em si no seu local de origem, é preciso que haja um deslocamento e uma certa distância com o seu local de origem para que ele seja considerado um migrante, e na maioria das vezes ele é apresentado com atributos negativos, desprovidos de prosperidade, que em comparação com outros casos, não recebem o nome de migrantes e como esse mesmo conceito é marcado por questões de classe e de raça.

Os autores pensam o migrante em termos de ausência de atributos positivos, definindo-o por contraste. Isso fica particularmente claro no caso da migração rural-urbana, onde a distinção entre ponto de partida e ponto de chegada se mostra com a nitidez de uma distinção ontológica. São os atributos do cidadão que estão em jogo quando os migrantes são vistos ocupando “os níveis ocupacionais mais baixos nos centros urbanos” (Bock e Iutaka, 1969); ou como “grupos marginais e submarginais desempregados ou subempregados”; ou como estado “à margem das atividades produtivas”. Ou ainda quando se afirma que “chegam a constituir verdadeiro ‘quintos fechados’ presos as formas de vida do meio rural”; ou que “caracterizam-se pela ausência de educação técnica” [...]. É a própria oposição entre local de saída e de chegada que se reproduz nessa “distância” entre o migrante e o local de chegada, o migrante, por uma espécie de paradoxo irônico, transformando-se na própria encarnação do local de origem no local de chegada. (Idem)

Durante o campo, conheci algumas pessoas que saíram de estados do Sudeste e foram para Bahia, as quais não se consideravam migrantes, tratando-se de uma palavra dissonante de seu vocabulário. Diziam “Eu vim pra cá estudar” ou “Consegui uma boa

oferta de emprego, gosto do clima e do povo daqui, resolvi ficar”, Durreis, assim como essas pessoas, todas as vezes que saiu da Bahia para outros estados, como Goiás, Brasília e São Paulo (relatos vão aparecer adiante), diz não ser migrante. Por esse motivo e outros é que busco descrever esses processos para elucidar como eles são construídos para além do senso comum que a ciências sociais construiu em torno da migração.

Dumans Guedes (2013), traz em sua tese de doutorado “O trecho, as mães e os papéis, Movimentos e durações no norte de Goiás”, sua análise para o campo de discussão de mobilidade na antropologia, de modo que os sentidos atribuídos a essa categoria caminha longe do conceito de *migração* baseado também em Moacir Palmeira e Almeida.

Guedes mostra que a ideia de migração aparece frequentemente na literatura acadêmica como um movimento do campo para a cidade e, sob essas perspectiva, o deslocamento seria entendido como fruto de acontecimentos excepcionais e o sedentarismo, como o esperado e o normal.

O movimento, nesse caso, seria entendido como algo secundário, subordinado à *partida* e ao *destino*, não possuindo, assim, um valor em si mesmo. Entretanto, a partir de Guedes, é possível perceber uma mudança de paradigma, a mobilidade passa a ser entendida como um valor em si mesmo, ou seja, exprime símbolos igualmente carregados de valores e prevê um código que informa a organização do espaço social em dadas esferas.

Passa-se a valorizar as categorias nativas dentro de uma metodologia de microanálise da história, em que a vida dos atores que a fazem é levada em conta como parte de um processo histórico que se constrói ao longo do tempo e se encontra em constante, fluxo. Trazendo junto todo um vocabulário de circulação que organiza e generifica as relações em torno das mobilidades, pensando as aventuras e desaventuras no mundo, bem como a própria categoria mundo, a casa, o homem, a mulher e seus movimentos.

É possível refletir a “mobilidade”, a “migração” o “movimento” ou o “trecho” para além de um local físico de partida ou de chegada, e sim nos valores que os mantém em movimento e os fazem entender seus próprios movimentos, compreendendo assim as formas nativas de ser, estar e movimentar no mundo, percebendo, assim, que a “mobilidade”, portanto, pode relacionar categorias de espaço, tempo, valores morais e subjetividades imersas e criadoras das próprias relações sociais em dadas estruturas sociais ( CARVALHOSA, 2016).

Em síntese, como aparece no trabalho “movimentos em família” de Ana Claudia Marques:

Conforme sugerem Palmeira e Almeida (1977), a mobilidade que caracteriza tantas populações do interior do Brasil não deve ser simplificada equacionada a fenômenos de migração ou êxodo rural se esses conceitos fazem supor a indiferenciação entre os movimentos, a exclusão de perspectivas daqueles que partem e daqueles que ficam, ou a ruptura dos laços que os ligam. Também os atributos de família distinguem-se em correlação aos movimentos, e sua análise deve contribuir para a compreensão das diferentes dinâmicas sociais de que são integrantes. (MARQUES, 2015)

Desenvolvo minha etnografia no interior da Bahia, na cidade de Iaçú, num lugar que me é muito familiar, ao trabalhar nesse local e com parte de minha família e suas memórias, questões metodológicas atravessam minha etnografia, ao mesmo tempo em

que questões geracionais também indicam caminhos nesse lugar familiar que também é distante dos espaços que me construí e constitui.

O regresso à Bahia como pesquisadora tem sido um processo de considerável estranhamento, primeiro porquê a Bahia que eu conheço não é mais a mesma, em verdade, eu já nem sei mais o que é a Bahia, muito menos se eu sabia chegar lá. Nasci no interior de São Paulo. Numa família com origens diversas, entre nordestinos, descendentes de africanos e europeus. Às vezes, sinto-me uma colcha de retalhos, não sei exatamente quando comecei a compor histórias, talvez já nascesse com elas, acredito que são os retalhos de cada momento, unidos um a um, por meio das relações de troca e reciprocidade que formam a “colcha vida” da gente, ninguém se faz inteiro, somos pedacinhos daqui, pedacinhos dali, pedacinhos que foram e que serão. Sou uma “metamorfose ambulante”, logo ir costurando cada pedaço do mundo que me rodeia se tornou algo espontâneo e único.

O trecho é o que tem em comum e atravessa as gerações de minha família, desde as famílias de portugueses que chegaram para colonizar, até as famílias que chegaram nos navios negreiros para serem escravizadas. Durreis, meu avô, homem, branco, descendente de português, não tem muitas referências além de seu sobrenome Braga e de algumas poucas memórias das posses de terra de seu avô. Ernestina (*in memoriam*), minha avó, mulher preta, da região da Caatinga Velha - BA, que não possui registros de sua avó, além da história que trabalhava para um grande fazendeiro a troca de roupa e comida e que, inclusive, o leite de sua avó serviu para os filhos do patrão também.

Para quem conhece um pouco da literatura e da história de escravidão desse país, sabe o que essas memórias significam, no retrato social brasileiro. A mobilidade, o caminho e, mais precisamente, o trecho sempre estiveram presentes no vocabulário dessas famílias que se unem com o casamento de Durreis com Ernestina que se celebra no trecho, que também constrói uma nova família que vem ser lida na chave da família camponesa.

Batista (2019) em seu artigo que trabalha com família, gênero e trecho aponta que:

Em Seyferth (1985) “A herança e estrutura familiar camponesa”, artigo denso no qual ela se propõe a falar da partilha da terra, da casa, da família e da herança ou seja formas de transmissão de patrimônio fundiário em Santa Catarina, de modo que ele se aplica de modo diverso das normas que estão colocadas no código civil para evitar a fragmentação das pequenas propriedades. A autora se coloca a pensar a perpetuação do ciclo familiar camponês, determinado pela herança, pensando esse sistema como parte e mediador da reprodução social camponesa e sua persistência desde o início da

imigração. A questão que quero pontuar em diálogo com a autora é que como fatores externos ligados ao casamento e a raça fez com que a lógica de reprodução social da família camponesa fosse quebrada/interrompida na família de Durreis. Anselmo Braga, pai de Durreis, era lido segundo as descrições de Seyferth (1985) como um colono forte na região do sertão da Bahia que me proponho a estudar, ele tinha seu pedaço de chão, 6 filhos adultos que trabalhavam na terra junto com ele e em épocas de água e colheita era possível contratar uma pessoa para ajudar no roçado. (P.90, 2019)

Antes de casar e trabalhar na terra, Durreis passou 4 (quatro) anos “rodando o Brasil e trabalhando fora da Bahia”. Ele se apaixonou por Ernestina, “mulher de cor” assim chamada por ele. Seu pai, descendente de português e preconceituoso (assim chamado por Durreis), disse que não apoiava o casamento e não o ajudaria com nada, por ela ser uma mulher negra. Sendo assim, ele noiva com Ernestina e vive 4 (quatro) anos fora, trabalhando para juntar dinheiro e, posteriormente, contrair matrimônio. Ele passa pelo interior de São Paulo, nas usinas de cana de açúcar, trabalha nas fazendas de Goiás e do Paraná, e por fim e não menos importante também labora na construção da cidade de Brasília, foi ensacador de açúcar, vaqueiro, pedreiro e ambulante, e durante todo esse tempo manteve contato por um único telegrama enviado à noiva. Os telegramas não existem mais, numa das vezes que Durreis teve sua casa, ainda na zona rural, assaltada, levaram o telegrama junto com algumas fotografias que ele guardava de recordação.

Batista também já apontou que:

Quando Durreis anuncia interesse por uma mulher de cor, o pai tira dele o direito da terra, temos aí implicações de raça também colocadas e como isso interfere no fazer família e na reprodução da herança com a questão do casamento ao mesmo tempo em que o casamento e a relação com a terra reafirma a condição da lógica da reprodução da família camponesa como aponta Seyferth (1985). (Idem)

Em diálogo com a literatura, a questão a ser pontuada é que como fatores externos ligados ao casamento e a raça fizeram com que a lógica de reprodução social da família camponesa fosse quebrada/interrompida na família de Durreis, provocando, assim, os seus primeiros deslocamentos.

## **VAI SER CANDANGO EM BRASÍLIA**

A primeira viagem de Durreis se dá por volta de maio de 1959, é o que ele relata sendo o começo da história.

*Durreis:- A primeira vez que saí da Bahia foi na minha ida para Brasília, em maio de 59, eu fui com um bocado de companheiro meu, saímos de pau de arara daqui, fomos em 7 companheiros juntos, naquela época era comum encher esse carro de homem e levar a gente para trabalhar nesse Brasil a fora. Nós saímos daqui para trabalhar na Camargo Correa, chegamos lá e já fomos tudo contratado.*

Durreis relata que a empresa era uma das maiores e estava empregando muitas pessoas para construir a tão planejada cidade dos políticos, que viria a ser a cidade de Brasília. A mesma companhia participou, ainda, da construção de usinas, como as hidrelétricas de Itaipu, uma das mais importantes do mundo, e de Jupiá, além de obras simbólicas do país como a Ponte Rio-Niterói. E fez história ao ter seu nome gravado na construção de Brasília, na ligação do Eixo Residencial Sul com o Aeroporto.

Voltando aos relatos de Durreis, era uma tarde quente e ele vestia uma camisa salmão aberta, chinelo de dedo, calça, sentado na mesa da cozinha, local que recebi as mais preciosas informações sobre sua vida. Sempre tinha uma garrafa de café com uma lata de leite em pó e biscoitos sobre a mesa.

*D:- Nos saímos de pau de arara e fomos caçar serviço, porque a gente sabia que lá estava com promessa de trabalho, o Juscelino estava querendo construir a capital do Brasil e foi medir certinho no mapa pra que ele ficasse bem centralizada, foi tudo planejado, tinha várias companhias e empreiteiras na cidade, ficava pertinho alí de Goiás, é como se fosse a mesma coisa, é como se Goiás tivesse duas capitais, Goiás velho que foi a primeira capital que é aquele tempo antigo, nos tempo do revolver e o Goiás novo agora, com Goiânia. E com a chegada de Brasília uma coisa mais civilizada.*

Narra que era um período de muita violência, tanto que no trecho, antes de se instalar em Brasília, se hospedava numa cidade perto de um rio chamado “rio das almas”, segundo os relatos o rio possuía tal denominação devido a quantidade de pessoas que eram mortas e jogadas nele. Pergunto se eles saíram com o emprego garantido da Bahia, já que ele havia me relatado que seguiu no trecho em viagem com mais 7 (sete) amigos que foram os seus companheiros.

*D:- Não, a gente foi caçar serviço, mas lá sempre foi bom pra arrumar trabalho naquele tempo, Goiás sempre foi produtor de roça e ainda tinha Brasília chegando também. [...], nessa pensão que nós ficamos o tempo todo chegava fazendeiro perguntando se tinha peão pra colher arroz, mas a gente não queria ficar lá e nem trabalhar pra essa gente não porque estávamos com medo de morrer. Foi ali na pensão que ficamos sabendo que na cidade vizinha estava ajustando gente para levar para Brasília.*

*Fomos para essa cidade, saímos de lá de caminhão todo mundo junto, em cima de um pau de arara às 06:00 da manhã em direção à Brasília, nos picamos no mundo e fomos chegar em Brasília de noite na companhia da Camargo Correa. Na mesma hora já fomos contratados, já estava tudo certo*

*e reservado para nós, lá. Um barracão com vários beliche, cheio de peão, e lá nos ficamos.*



Foto: Pau de Arara na construção de Brasília. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

Durreis conta que Brasília foi construída em três anos - ao menos seus principais prédios foram concluídos nesse prazo. Em 1958, o palácio da Alvorada tinha sua fachada mostrada na revista Manchete. Ele também relata que não trabalhou muito tempo na empresa, pois sofreu um grave acidente a caminho do trabalho, caiu da caminhonete do pau de arara que estava a 120km por hora, o que provocou sérios ferimentos. Durreis narra que foi a primeira vez que ele *caíu no mundo*.

*D:- Me machuquei todo, fiquei muito doente, e era a primeira vez que eu caía no mundo, menino novo ainda, barriga verde, não sabia me virar sozinho direito, sem dinheiro. Foi difícil. Fui socorrido por um chefe de uma das pensão que tinha lá, ele queria me levar pro hospital, mas eu estava sem meus documentos, não podia chegar assim na cidade livre, a fiscalização era brava, eu podia ser preso, então me levou para a pensão primária onde eu estava hospedado, peguei meus documentos, porque dinheiro eu não tinha, meus companheiros não estava lá, fui sozinho para o pronto socorro. Chegando lá me deram uma injeção e pediram pra voltar no outro dia, ta vendo só como é que é tabarel? A gente não tem leitura, não tem caneta e esse povo faz o que quer da gente. Vai pra onde desse gente? Quem não tem caneta,*

*vai pra onde? Não tive ajuda de nada, nem da empresa, nem de transporte, eu estava todo arreventado, ardendo em febre, andando sozinho. Não aguentei voltar pra pensão, fui andando em direção a cidade livre, entrando cada vez mais dentro dela, estava tudo em construção, achei uma vala cheia de água e me joguei dentro, eu estava pra morrer de tanta febre. A pessoa quando é tabarel não sabe falar direito com ninguém, depois que me senti aliviado da febre eu saí da vala e avistei um cemitério de caminhão. Esperei o guarda sair para tomar café, entrei, e me ajeitei dentro da carroceria de um caminhão, deitado, a febre ainda estava forte, eu todo molhado e machucado, só não morri porque Deus é muito bom, mas foi muito sofrimento nessa Brasília.*

Ele conta que depois desse episódio, *caiu fora da Camargo Correa*, pois eles eram tratados como se não fossem humanos, não usufruindo de direitos trabalhistas. Deste modo, dada as circunstâncias e o azar da falta de saúde, ele procura por outra companhia dentro de Brasília para seguir na busca por dinheiro, no intento de comprar um pedaço de terra e casar.

*D:- No tempo que não tinha direitos, a gente era tudo candango.*

*L. Candango?*

*D. É, foi assim que a gente ficou conhecido por lá.*

Contudo, por conta da falta de saúde, Durreis não conseguiu juntar dinheiro e nem trabalhar, os companheiros que havia partido em viagem com ele já estavam comprando roupas e organizando viagem para voltar para Bahia, enquanto Durreis não tinha nenhuma perspectiva de volta. Então, por uma ousadia do destino, ele decide procurar ajuda com o próprio Presidente da República à época, Juscelino Kubitschek de Oliveira, também conhecido pelas suas iniciais JK, o qual foi médico, oficial da Polícia Militar mineira e político brasileiro, ocupando a Presidência da República entre 1956 e 1961.

*D:- Fui lá pedir uma passagem de avião pra voltar pra Bahia, chegando lá, ele não tava, pedi pra falar com o secretário dele, era um lugar cheio de polícia, parecia até que eu era bandido, foram dois policiais me acompanhar até o secretário dele.*

*Contei o meu caso, e o secretário me disse que não ia dar a passagem não, porque eles estavam precisando era de muita gente em Brasília como é que eu podia ir embora, que ele ia me oferecer o tratamento, me internava, fazia tudo.*

*O problema é que estava ruim pra mim, eu não tinha saúde para ficar e trabalhar nos serviços pesados da companhia nem dinheiro pra ir embora. Então fizemos um trato, pedi pro secretário fazer uma carta pra mim, me autorizando a comprar e vender umas coisas nas ruas, igual ambulante para que eu pudesse fazer um dinheiro pra comprar os remédios e cuidava da minha saúde.*

*Ele me encaminhou pra falar com um tal de Domingos, ele já não quis falar mais comigo depois daquilo, esse Domingos me atendeu bem demais, bateu a carta lá pra mim. Uma carta, cartona da porra,*

*não sei até hoje o que estava escrito lá, perdi a carta quando roubaram minha casa, senão eu te mostrava pra tu ler pra mim. E assim eu comecei a vender, banana, laranja, cigarro, fosforo, melaço, rapadura, de tudo um pouco. Era só mostrar a carta que eles me vendiam na hora. Eu buscava as coisas na cidade livre, pegava o cigarro na Souza Cruz e vendia tudo pros peão que estavam trabalhando nas empreiteira.*

*L. O que é cidade livre?*

*D. Era o centro de Brasília, onde tinha a feira e tudo!*

Cidade Livre foi o local que ficou instalado os barracões e aconteciam as principais transações para a construção de Brasília, a qual estava sendo construída em torno do acampamento.

*D:- Eu chegava na frente das pensões e da Camargo Correa, abria a mala e vendia tudo na hora, aí eu percebi que a coisa estava melhorando pra mim. Mas eu ainda estava muito ruim de saúde, então tinha dias que ficava dois, três, dias de cama e não podia sair pra vender. Mas como eu trabalhava pra mim mesmo, eu podia fazer isso.*

*L. Foi melhor para tu ser ambulante em Brasília do que trabalhar na construção?*

*D. Misericórdia, mil vezes melhor! Meus companheiros começaram a receber o dinheiro na empresa, Pedro costa, João, Jerson, Germano meu cunhado, Josias e Lorianos das Coruja. Era eles que me ajudavam la nas dificuldades, anotou o nome deles ai? Tanto que cada um me emprestou um bocadinho de dinheiro e com isso que eu consegui ir pra cidade livre comprar mercadoria, era uma feira grande da peste, coisa boa demais! Como eu não tinha dinheiro nem pro transporte, eu pegava carona com o carro da carne, era um caminhão de carne todo dia que ia pra lá, para alimentar aqueles homem tudo.*

Mesmo diante das adversidades, ele vai buscando outros caminhos para manter-se em Brasília. Interessante notar que nos relatos, ele se coloca como ambulante e não como candango, e deixa claro, que “eles” o povo de “la”, se referiam a eles dessa forma, mas nas entrevistas ele sempre fala do povo trabalhador, os companheiros, ambulante, peão, de modo que o candango não marca uma forte posição, nem um reconhecimento identitário.

Fora as questões de saúde, Durreis vivia em alerta e atento devido à repressão policial local que também era forte, ele conta:

*D:- Quando eu despachei minhas mala do caminhão de carne que tinha pego carona, a cidade era cheia de polícia, eles já me viram e começaram a chutar minha mala, minhas mercadoria tudo, a gritar comigo, eu disse: “ pera ai meu companheiro que eu tenho autorização do presidente pra vender isso aqui, a carta está dentro da mala, eu andava com ela pra todo canto que eu ia, mostrei a carta, eles olharam e foram embora, e toda hora chegava polícia e mais*

*polícia, eu ficava de um jeito que eu já deixava a carta no bolso da frente, a polícia chegava era só mostrar que eles me deixavam quieto ali trabalhando, mas não era fácil não. Se não tivesse a carta, eles iam destruir minhas coisas tudo no chute, porque lá já tinha as barracas e as vendas do Juscelino, não podiam ter outro negócio, mas como eu tinha a autorização com o carimbo deles lá, eu consegui me manter, por fim, eu estava ganhando mais dinheiro que o menino, eu tirava em um dia o que eles tiravam quase no mês todo.*

A intenção era falar com Juscelino para adquirir as passagens de volta para Bahia, como não conseguiu procurou outras formas de lidar com o trabalho para conseguir se manter em Brasília e continuar na tentativa de juntar o dinheiro para constituir a família, interessante notar a sagacidade desse sujeito para lidar com as situações, ao ponto de conseguir transitar pelos espaços, com uma carta com o carimbo do presidente que foi muito popular na história do país e considerado a autoridade máxima local, no bolso da camisa. Driblando assim a repressão policial, encontrando outras formas e condições de se manter vivo, resistente e trabalhando.

Volta para Bahia pela primeira vez junto de seus companheiros. Durreis decide *voltar com os meninos* quando eles decidem ir embora, porque ele estava muito doente ainda, *no tempo de morrer*, não queria ficar lá sozinho. Ninguém voltou para Brasília mais, ficaram um ano e pouco por lá.

Chegou na Bahia e procurou por um padre que também era médico, segundo ele, *porque aqui era assim os padre eram médico também, muito sabidos e eles distribuían uns remédios lá da terra deles pra nós, e era tudo gratuito pro povo*. Uns remédio que nunca tinha visto aqui, eu melhorei bastante, mas não sarei. Estava com muito sangue pisado. Uma mulher fez *um remédio do mato*, e ele sarou, diz que se não fosse esse remédio ele morreria. Ficou alguns meses na Bahia para sarar, ficou noivo de Ernestina e foi para o Paraná no fim de 60.

Segundo ele, deixou Ernestina noiva como prova do seu compromisso e que estaria disposto a lutar pelo amor deles, mesmo que isso custasse romper com a sua família e trabalhar fora para ter condições materiais para casar, para Durreis, o “fugir” está numa escala menor do compromisso em relação ao casamento e o noivado.

## **VAI PARA A VIAGEM MAIS LONGA: DO PARANÁ À VIDA NO GOÍAS**

No final dos anos 60 Durreis vai para o Paraná tentar conseguir trabalho no roçado do café, relata que quando chega ainda fazia muito frio, mas não ficou muito tempo por lá, fica cerca de 3 meses no Paraná e parte para Goiás para trabalhar nas fazendas, lugar

que ele fica por 4 anos, sem voltar para Bahia, trabalhando na fazenda de Roldão Alves Caetano.

Durreis reclama de ter pego uma friagem no Paraná que ele quase morreu de tanto frio, trabalha pouco tempo no café, pois não conhecia e não sabia os “trambique do café”. Pergunto porque ele decide sair da Bahia de novo e ele me responde que era por conta do casamento. O pai dele Anselmo Braga era contra o casamento porque *Ernestina era uma mulher de cor*.

Anselmo tinha um pedaço de terra, mas com uma mulher de cor o filho dele não morava ali, *por isso eu rompi com o meu pai e sai pro mundo pra caçar dinheiro e comprar meu pedaço de chão na Bahia, eu não estava conseguindo fazer dinheiro e a seca estava brava na época*. Relata Durreis.

## **A VIDA NO GOIAS**

Durreis começou a contar o caso de Goiás, arrumou um emprego com Roldão Alves Caetano para trabalhar na fazenda Veredão, trabalhava para Orlando. Trabalhou nessa fazenda durante os 4 anos que ficou sem voltar para Bahia, mas na fazenda ele só trabalhava pra ele mesmo tocando roça com Orlando que era genro do Caetano e depois ficou muitos anos com o Marinho que era filho de Caetano. Inclusive existe uma rua na cidade de Acreúna- GO cujo o nome é Roldão Alves Caetano.

Depois de 4 anos trabalhando na fazenda, ele avisou que voltaria para Bahia para casar e trazer a mulher. Orlando pediu para ele voltar em maio para colher o arroz, mas atrasou uns 3 a 4 meses, mesmo chegando atrasado, ele o aceitou de volta e eu foi construir “uma casa de palha e madeira, rodada de pau pra morar perto da roça” com a sua mulher.

## **VOLTANDO PARA BAHIA PELA SEGUNDA VEZ: COMO É QUE CASA SEM UM PEDAÇO DE TERRA?**

Durreis namora cerca de 10 anos com Ernestina, ele relata que gostaria de ter firmado o compromisso e casado antes, mas como não podia porque não tinha condições de ter *um pedaço de terra pra erguer uma casa, plantar e viver*. *Como é que casa sem um pedaço de terra? Por isso eu fui pra Brasília trabalhar pra juntar dinheiro e casar, mas adoeci. Não deu certo! Eu tinha que seguir o plano e cumprir a minha palavra. Ninguém acreditava em mim!*

Pergunto quanto tempo ele fica fora e me responde que levou cerca de 4 anos fora da Bahia e que foi um período muito difícil, me contou que falou com ela apenas uma vez

por um telegrama que perdeu quando sua casa foi assaltado, depois do falecimento de sua esposa conta que *naquele tempo não tinha telefone, celular, e essas comunicação toda de hoje, não! Eu também não tenho caneta, não sei escrever, não tinha como ficar mandando cartas. Quem não tem caneta vai pra onde? Eu mandei o pedacinho de papel com o recado pra ela pelo trem. Meu pai era contra o nosso casamento, por isso demorei mais de 10 anos para casar com ela. Ele não gostava dela ser uma mulher de cor.*

Ernestina, minha avó, era uma mulher preta, moradora da região da Caatinga Velha na Bahia, seu sogro Anselmo Braga um homem branco, de olhos claros, alguns dizem na família ser descendente de português, mas não achei comprovação documental.

*D. Quando eu voltei do Goiás depois de 4 anos, eu avisei a ele que tinha voltado para casar com Ernestina, mas ele não me deu um pingão de atenção. Eu disse que queria ele presente no meu casamento, eu dei as voltas no mundo todo pra casar, deixei ela noiva pra isso.*

*Ele não gostava da qualidade dela, por ser pobre demais e de cor, mas eu temi, falei que casava e casei mesmo, contra a vontade dele e tudo. Ele não foi no casamento.*

*Meu pai era um homem muito bom, trabalhador, dá até vergonha contar um negócio desses, mas é a verdade. No fim da vida Ernestina que cuidou dele e ele foi velado dentro da nossa casa. Por fim, ele gostou muito dela, essas coisas a gente tem que vencer, não pode viver assim, pode ser branco, verde, amarelo, preto ou vermelho, tem que tratar bem as pessoas.*

## **VAI PARA O INTERIOR DE SÃO PAULO**

A primeira vez que Durreis vai para o interior de São Paulo ele já tinha terra e casa certa na Bahia, a mulher cuidava dos filhos e ele trabalhava viajando para investir na terra, foi assim até os 45 anos de idade, mas nesse período ele já tinha travado muita luta e fundando um sindicato de trabalhadores rurais junto com os companheiros dele na sua cidade de Iaçú-BA.

Ele relata que viaja para trabalhar na Usina São Martinho, usina de açúcar e álcool na cidade de Pradópolis-SP, o primeiro ano que foi para o interior, ficou na casa de Joé, um amigo baiano que tinha na cidade de Guariba-SP que é quem o recebe até ele conseguir trabalhar na época da safra e mora no alojamento da própria usina junto com outros companheiros que vieram de longe para trabalhar no corte da cana ou nos barracões de ensacar açúcar.

Durreis relata que não sabe nem dizer ao certo quantas vezes saiu em viagens para trabalhar fora da Bahia, foram muitas até os seus 45 anos, *tanto que meus filhos criou sem*

*mim, quando a mais nova nasceu eu estava embaixo de um barracão em SP trabalhando, morei um bocadinho de tempo no barracão da Usina mais um bocadinho de companheiro, foi quando recebi uma carta de Ernestina falando do nascimento da menina, a minha companheira foi uma guerreira, ficava muito sozinha no meio da roça cuidando dos meninos e da casa, o filho mais velho ia ajudando a cuidar dos mais novos e assim a gente foi fazendo a vida.*

Enfim, ele nos mostra que é possível transitar por vários lugares sem ter caneta/ser letrado, construir cidades históricas, como a cidade de Brasília, sair do campo para trabalhar no campo como fez nas fazendas de Paraná e Goiás, romper com a família consanguínea, enfrentar o racismo do pai para se casar com uma mulher preta, trabalhar nos processos de industrialização e mecanização do campo nas Usinas do interior de São Paulo para sustentar esse casamento e melhorar na produção da terra na Bahia, transitar pelo Brasil a trabalho sem necessariamente entrar nos moldes da migração clássica e nem se considerar um migrante. Importante perceber também, que esses deslocamentos são administrados pela família, ela opera num espaço diversificado para além da casa e da terra.

Enfrentando várias barreiras e obstáculos que ao mesmo tempo que atravessaram a vida dele também fizeram parte da construção e da história do nosso país, desde as resistências na luta pela terra e a sua participação no processo de fundação do sindicato dos trabalhadores rurais de Iaçú-BA a suas participações nos eventos históricos de formação desenvolvimento econômico nacional. Eu que sou lida como letrada e dominante da caneta por Durreis, transitei para menos lugares que ele. Com isso me pergunto: E quem tem caneta, vai pra onde? Quem pode jogar o corpo no mundo e fazer o trecho? Quais as formas de se trecheirar?

Depois de Durreis, outros familiares buscaram o trecho para fazer a vida, dos 6 filhos que tem, 5 foram embora da Bahia, Tiana (minha mãe), foi a primeira a fazer e nunca teve planos de voltar, foi morar em São Paulo para ser babá dos filhos do irmão de Durreis.

Eu sou a primeira mulher letrada na minha família, e sou a primeira mulher da família que decidiu voltar para Bahia, também sou conhecida por trecheira no ambiente familiar, afinal sai de casa com 15 anos de idade, sem ser maior de idade e não acompanhada de um homem.

Interessante pensar como já apontou Rumstain (2015) a ideia de “andar” no mundo, ou melhor usando a categoria nativa, a ideia de “trecho” pode falar de migrações, deslocamentos, idas e vindas, muito podem revelar a respeito de outras questões que vão além do movimento de pessoas em si. O movimento pode nos fazer pensar sobre, por exemplo, configurações políticas e econômicas locais, valores e julgamentos morais que permeiam as discussões sobre os deslocamentos dessa ou daquela pessoa, ou ainda, pode proporcionar uma reflexão a respeito das relações de parentesco e família, além de outros vínculos ou formas de relacionar-se. (RUMSTAIN, 2015) Todo esse relato é para demonstrar como as análises acerca da volta, do trecho e do gênero se dão e constroem na minha família antes mesmo de eu me tornar uma antropóloga e escolher voltar para Bahia para trabalhar com essas categorias, minha etnografia começa antes do meu diário, antes de me tornar antropóloga, ela começa com as andanças no trecho dos meus tataravós e principalmente com as memórias coletivas da família e também as de minha infância e só foi possível tornar-se antropóloga e voltar porque outros trecheiraram e decidiram não voltar como foi descrito anteriormente. Ocupar esse lugar determina o meu lugar no campo, a minha entrada e as formas com as quais eu estabeleço as minhas relações ao ponto de ser considerada filha da terra, mas quando volto letrada e como antropóloga recebo o apelido de estrangeira.

Como aponta Batista (2019)

A partir desses fatos construímos nossas etnografias, o método etnográfico em si, implica a uma recusa daquilo que é dado previamente e a partir disso pode-se entender junto a tantas monografias já feitas que teoria e empiria não estão em pares de oposição, a etnografia nos mostra como a empiria e os fatos são ao mesmo tempo teorias que trabalhamos. A própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual. ( P.102)

É um falar do outro sendo parte de nós que também é do outro.

## Referências bibliográficas

BATISTA, B. Luana. Diabos no sertão: fazendo família, (re)fazendo gênero. Revista Humanidades e Inovação v.6, n.16 – 2019.

Carvalhosa, Natália Neme. "Fora daqui não sei andar": movimentos de roça, transformações sociais e resistência da honra em comunidades rurais de Minas Gerais. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro : UFRJ, 2016.

CARVALHOSA, N. O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. Resenha Soc. e Cult., Goiânia, v. 17, n. 2, p. 329-333, jul./dez. 2014.

DAINESE, Grazielle. Chegar ao Cerrado Mineiro: hospitalidade, política e paixões. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GARCIA JR., A. R. *O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social.* São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. UnB/MCTCNPq, 1990.

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás.* 1. ed. São Paulo: Garamond, 2013. 455p.

HEREDIA, B. M. A. de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PALMEIRA, M.; ALMEIDA, A. W. B. *A invenção da migração: projeto emprego e mudança socioeconômica no Nordeste (Relatório de Pesquisa).* Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1977. (Mimeografado).

RUMSTAIN, Ariana C. A Casa e o Mundo Família e trabalho na dinâmica das idas e vindas do “mundo da vida” e da “vida no mundo”. 2015. 299 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SEYFERTH, Giralda. Herança e estrutura familiar camponesa. Boletim do Museu Nacional, 52, 1985.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato In: WELCH, C. A. et al. *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.